

In/exclusão no trabalho e na educação

Bianchetti, Lucídio, & Correia, José Alberto (2011). *In/exclusão no trabalho e na educação: aspectos mitológicos, históricos e conceituais*. São Paulo: Papyrus Editora.

Recensar a obra *In/exclusão no Trabalho e na Educação: Aspectos Mitológicos, Históricos e Conceituais*, de Lucídio Bianchetti e José Alberto Correia, não se constitui numa tarefa fácil, por diversas razões. Em primeiro lugar porque os autores, além de conceituados e prestigiados professores universitários, respectivamente da Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil) e da Universidade do Porto (Portugal), são pensadores multifacetados e de uma elevada estatura intelectual e abrangência, com um lastro cultural de excelente robustez e com uma grande acuidade crítica e que, por isso, e além disso, nos habituaram, nas suas aulas, nas suas conferências, e em tudo o que dizem e escrevem, ao confronto sistemático com elaborações críticas fascinantes, com pensamentos e propostas realmente inovadoras e divergentes, assentes nos mais variados contextos passados e presentes e cujas respostas se situam no plano do devir, entendido pelos autores como algo construído e a (re)construir política e cognitivamente no esclarecimento e, no debate democrático e, como diria o filósofo francês Jacques Rancière (1987), assente no princípio da *igualdade das inteligências*.

O segundo motivo prende-se com a obra em si, a qual vem acrescentar mais um título à vasta lista de trabalhos publicados pelos autores e aos seus contributos originais para a reflexão sobre temas tão actuais e pertinentes. Ora, esta constatação, quando transposta para o panorama das publicações sobre a(s) temática(s) em apreço, ao invés de somar vulgaridade, atrai-nos para novos mundos, novas conexões ainda não exploradas, mas plenas de sentido e de riqueza semântica. Este «ritual iniciático» que se transforma em vertigem benigna, desperta e ocupa a nossa mente colocando os

nossos pensamentos a ferver em sintonizações anunciadas e desejadas, mas, em simultâneo, faz-nos reconhecer humildemente a distância que medeia entre um e outro modo de pensar a «in/exclusão», de compreender a «normalidade» e a «deficiência», ou ainda a «diferença como deficiência», ou a relação entre multiculturalismo e diversidade.

E o último dos obstáculos, entre muitos outros que poderíamos enunciar, resume-se no facto de cada passo deste livro ser indescritível, irrepitível, intraduzível e irresumível. Ou seja, aquilo que seria suposto fazer ao recensá-lo, proceder à sua apresentação dando conta do conteúdo e das matérias nele tratados, inventariando com rigor os assuntos e as suas características, só seria verdadeiramente possível e compreensível, neste caso peculiar, se nos encontrássemos de facto, literal e directamente perante a totalidade do original e não apenas sobre um discurso sobre o mesmo. Qualquer tentativa de tradução e aproximação será sempre redutora (Derrida, 1981; Gadamer, 2004).

Assumindo estas dificuldades, registo esta publicação como uma lufada de ar fresco, uma abordagem completamente distinta sobre temáticas tradicionalmente muito pesadas, massacradas por reflexões macilentas e com odor a mofo. Ela resulta, como os autores referem, da reunião de um conjunto de escritos que se encontravam dispersos, embora a maioria deles já publicada. Esses materiais, dito de um modo abrangente, configuravam e configuram, histórica e conceitualmente, a temática da inclusão e da exclusão, e foram agora organizados num todo, sendo-lhes atribuída uma sequência singular, a qual possibilita ao leitor não apenas o acesso a um conjunto de informações nunca antes reunidas noutra obra, nomeadamente na sua relação

com os aspectos mitológicos, mas também estabelecer nexos entre processos que estão na base da construção e da invenção de certos artefactos culturais e conceituais. Muitos destes constructos, comumente naturalizados e vulgarmente aceites como óbvios, como evidências e como inevitabilidades, são, neste livro, brilhantemente expostos, de tal modo que a crença na sua naturalidade é abalada, tornando-os vulneráveis e despojando-os do seu poder dogmático.

No plano da invenção da deficiência, assistimos, paulatinamente, passo a passo, a este processo de desconstrução. E quem conhece o novo sistema de classificação da Organização Mundial de Saúde (OMS), designado por *CIF – Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde*, e se depara, no quotidiano, com as imposições deste instrumento de classificação, sentirá como a leitura desta obra é basilar para uma outra compreensão dos homens e da humanidade. Note-se que esta proposta (CIF) se situa na consideração da deficiência como uma questão de direitos humanos e em políticas capazes de oferecerem respostas adequadas de acordo com essa perspectiva. No entanto, quem pretender compreender o quanto alguns discursos teóricos se aproximam dos pensamentos ancestrais sobre anormalidade e deficiência, e assumem, na actualidade, processos idênticos com roupagens distintas, poderá elucidar-se com a leitura desta obra.

Ou seja, o valor deste livro extravasa claramente aquilo que lá se encontra escrito e remete-nos para muitos outros contextos onde proliferarão extrapolações advindas da sua leitura e da luz que se faz ao lê-lo.

Deixo então um apelo ao conhecimento aprofundado da obra como forma de desafiar as nossas crenças mais enraizadas e nos deixarmos deslum-

brar e transformar por velhos e novos modos de falar de inclusão/exclusão, no trabalho, na educação e em tantos outros contextos.

No nosso entender, a nossa visão da diferença não pode guardar resquícios de posturas colonialistas, hegemónicas e etnocéntricas, mesmo sabendo que olhamos através de conceitos e de preconceitos e não apenas dos olhos. E as fabricações da anormalidade e da deficiência não nos podem manter reféns dos nossos próprios olhos, conceitos e preconceitos. Essa é a principal mensagem que retiramos da obra.

Ora, como já o dissemos na contracapa do livro, a diferença não existe senão no plural, não por referência a uma norma ou ao melhor exemplar, mas por referência à singularidade de cada um de nós, em interacção e sem excepção. «A leitura desta obra é uma aliciante viagem de descoberta e de libertação das amarras dos nossos olhares» (Coelho, 2011).

Orquídea Coelho,

CIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas, FPCEUP

Referências bibliográficas

- Derrida, Jacques (1981). *Positions*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Gadamer, Hans-Georg (2004). *Truth and method*. London: Continuum.
- Coelho, Orquídea (2011). [Contracapa]. In Lucídio Bianchetti & José Alberto Correia (2011), *In/exclusão no trabalho e na educação: Aspectos mitológicos, históricos e conceituais*. São Paulo: Papyrus Editora.
- Rancière, Jacques (1987). *Le maître ignorant*. Paris: Fayard.